

## FEMINISMOS E SUBJETIVIDADES NAS REDES SOCIAIS: O QUE PODEMOS FALAR SOBRE ELES?

### *Eixo Temático 29 - Pedagogias de Gêneros e Sexualidades em Mídias e Artefatos Culturais*

Renata Fricks dos Santos <sup>1</sup>  
Ileana Wenez <sup>2</sup>

#### RESUMO

O presente trabalho teve intuito abordar o tema da subjetividade e feminismo nas redes sociais e especialmente no facebook no período do 2010-2021. O espaço das redes sociais parece ser um espaço que se configura tanto para denúncias quanto para resistências, é nosso objetivo poder aprofundar os espaços de resistências e fortalecimentos dentro da rede social facebook. Como resultados encontraram-se 93 pesquisas entre artigos, teses e dissertações, tendo entre alguns autores mais citados como: Manuel Castells, Pierri Lévy, Michel Foucault, Judith Butler, etc. Percebe-se uma produção acadêmica maior sobre o tema a partir de 2017. Embora recente, porém muito necessário para entender as configurações das subjetividades adjacentes nas redes sociais feministas atuais.

**Palavras-chave:** Feminismo; redes sociais, subjetividade

#### INTRODUÇÃO

Com o advento das TICS (Tecnologia de informação e comunicação) os modos de se comunicar e as relações sociais se modificaram. Neste sentido, as tecnologias digitais se descrevem como “[...] novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado de informação e do conhecimento” (LÉVY, 1999, p.32). Neste sentido, a sociedade contemporânea transformou-se socialmente a partir das consequências dos avanços da tecnologia, criando uma sociedade em rede, que faz com que pessoas integrem as tecnologias em suas vidas, relacionando a realidade virtual com a virtualidade real, imersas em várias

---

1 Mestranda do Programa em Psicologia Institucional (PPGPI) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). [renata\\_fricks@hotmail.com](mailto:renata_fricks@hotmail.com);

2 Professora Doutora e Orientadora pelo Curso de PPGPI da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). [ilewenez@gmail.com](mailto:ilewenez@gmail.com);

tecnologias de comunicação, que articulam a partir de suas necessidades (CASTELLS, 2006).

As redes sociais são armas eficazes para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir, sendo novos tipos de movimentos democráticos, que reconstruem a esfera pública no aspecto da autonomia mediante interação entre localidades e redes de internet (CASTELLS, 2013). Neste sentido, o ciberativismo define-se como práticas relacionadas no espaço digital por movimentos políticos motivados, que buscam informação, mobilização e ação social tendo como suporte as novas tecnologias no ciberespaço, que mobiliza discursos e rompem paradigmas sociais (LEMOS, 2004).

As formas de se fazer feministas nas redes digitais estão relacionadas a autocomunicação de massa, que possibilitam estender e vincular estados emocionais que estabelecem uma dada ação coletiva e também atua elaborando demandas de reconhecimentos mediante mapeamentos afetivos, sociais e morais de indivíduos (CASTELLS, 2014). Mediante a essas novas formas de mobilizações sociais, entende-se como importante também pesquisar sobre isso. Nessa direção, é importante também reconhecer a revisão de literatura como caminho metodológico para encontrar temas, conteúdos e autores que trabalham com o tema para embasamento teórico<sup>3</sup>.

## **METODOLOGIA**

A revisão bibliográfica, pode ser definida como

(...) procedimentos que devem ser executados pelo pesquisador na busca de obras já estudadas na solução da problemática através do estudo do tema. [...] deve conter conhecimentos significativos que colaboram com a evolução do trabalho [...]. Em toda pesquisa científica é importante apresentar o embasamento teórico ou a revisão bibliográfica que é elaborada na investigação de obras científicas já publicadas, para que o pesquisador adquira o conhecimento teórico (SOUZA, OLIVEIRA, ALVES, 2021, p.67-68).

Com essa finalidade, realizamos uma revisão de literatura que teve o intuito conhecer a literatura brasileira que aborda o tema de subjetividade de mulheres nas redes sociais nos últimos dez anos. Optamos pelos buscadores do Scielo, Periódico Capes e o Banco de Teses e Dissertações, utilizando as palavras-chaves: foram

---

<sup>3</sup> Essa revisão faz parte de um trabalho em andamento de mestrado.

combinadas as palavras-chaves “feminismo redes sociais”, “feminismo subjetividade”, “feminismo facebook” e “ciberfeminismo”.

Desta forma, com as palavras-chaves no Scielo encontraram-se 20 artigos. No buscador do periódico do Capes encontraram-se 3.804 artigos e no buscador do Banco de Teses e Dissertações encontraram-se 736 teses e dissertações.

Destes resultados foram lidos todos os títulos e resumos destes, além de leitura dinâmica naqueles que havia dúvida quanto à relevância ou não da pesquisa. A partir disso, foram excluídos destes assuntos como: tipos de feminismos, partos humanizados, artes feministas negras, aborto, feminismo islâmico e escrevivência, análise de escritos de mulheres artistas, análise de perspectiva psicologia social, representações sociais, identidade lésbica, análise semiótica, estudo de caso de psicoterapia de atendimentos de transexuais, maternidade, sexualidade lésbica, histórico social de mulheres, religiosidade e feminismo, análise feminista em obra e em anúncios, análise anticolonial feminista, identidades de mulheres referentes a determinados países, análise bem viver e gênero, análise de dualismo de gênero a partir do poder simbólico de Bourdieu, análise de obras de mulheres, histórias de mulheres importantes no movimento, análise marxista, aspectos corpóreos, análise histórica teológica sobre o feminismo, escrita feminista de mulheres na docência, resenhas de livros, travestilidade, feminicídio, etnografia, análise de teoria crítica de Adorno, política, prostituição, amamentação, política democrática e também estudos que mesmos citados não foram encontrados.

A partir destas exclusões, foram identificadas 93 pesquisas entre artigos, teses e dissertações pertinentes com perspectiva pós-estruturalista que abordavam feminismos nas redes sociais, com a finalidade de encontrar caminho metodológico de escrita de dissertação de mestrado sobre produção de subjetividade de mulheres nas redes sociais.

No decorrer da revisão de literatura foi possível encontrar autores como Pierri Lévy, Manuel Castells, Michel Foucault, Célia Regina Jardim, Judith Butler, entre outros. A pesquisa mostra-se muito recente na área a partir de 2017, encontramos um maior número de publicações.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Considerando a amplitude de conceitos, autores e temas abordados na literatura, serão descritos aqueles mais pertinentes para esta pesquisa, assim Pierrri Lévy e André Lemos relataram sobre a internet e cibercultura, sendo caracterizada como “o conjunto de atitudes, técnicas, práticas, modos de pensamento e valores desenvolvidos junto com o ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.17) e tendo interações neste espaço como maneira de conversação e conexão possibilita o internauta engajar em movimentos comuns, diante interface entre a máquina e usuário (LEMONS, 2015). Além da conexão, acontece a polifonia da subjetividade coletiva, que impede a intensidade das mídias e a difusão das identidades múltiplas (SANTAELLA, 2004).

É importante enfatizar a importância de sempre problematizar construções socioculturais a partir do gênero e sexualidade, desconstruindo aspectos de experiências de mulheres. Assim, artefatos estão imersos em uma união de instâncias culturais, que compreende-se como mecanismo de representação e de constituição de identidades culturais. Estes também “produzem valores e saberes; regulam condutas e modos de ser; fabricam identidades e representações; constituem certas relações de poder” (SABAT, 2001, p.01). Nisso, como a pesquisa propõe-se ser realizada a partir do facebook, este sendo um artefato cultural, que utiliza imagens (música e vídeo) como fontes, discursos, formas de pensar e experiências atribuídas a mulheres, a partir da “etnografia da tela” (BALESTRIN apud RIAL, 2012).

Sobre gênero, sexualidade e ciberfemismo, encontram-se algumas autoras sendo Juditle Butler, Joan Scott e Donna Haraway. Em relação a ciberfeminismo Haraway diz sobre um corpo híbrido que intercciona feminismo e tecnologia, uma espécie de ciborgue num modo de existência da subjetividade atual, a partir da conexão de pessoas com dispositivo de comunicação, como se fosse uma extensão de si (HARAWAY, 2002). Sobre gênero, Scott define “gênero, é [...] uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1995, p. 75). Nisso, Butler (2003) diz que as identidades não existem anteriores a ação social, que são construídas no interior dessas ações e em estruturas de poder, implicando que o gênero seja uma construção performativa, que “não é nem jogo livre nem auto apresentação [sic] teatral; nem pode simplesmente ser igualada ao desempenho” (BUTLER, 1993, p. 33). Estando está a partir de repetição paródica (BUTLER, 2017), que ocorre através de performances estereotipadas e naturalizadas sobre a configuração de ser mulher.

Neste contexto, Foucault (2012) diz que a cultura é construída nas relações de poder, e onde há relações sociais, o poder é manifestado (FOUCAULT, 2012). Embora não tenha se referido as mídias, produziu uma análise que se referisse aos dispositivos de comunicação on-line, defende as mídias como um instrumento de poder.

Nessa perspectiva, o ambiente on-line além de promover e ser promotor das relações humanas também desempenha um papel, como declara Foucault (1979, p. 212) sobre a dinâmica e estruturação dos espaços “[...] o espaço se especifica e torna-se funcional”, isto pois, sendo caracterizado pela presença e gerenciado por determinado poder e saber que utilizam de técnicas e medidas definidas para o controle, visando atingir ideais econômicos, políticos e sociais (FOUCAULT, 1979).

Assim, importante reconhecer as formas de controle e contracontrole presentes nestas redes e fortalecer os movimentos sociais, como o feminismo em qualquer espaço que esteja a fim de garantir relações de gênero mais equalitárias.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em relação aos resultados de pesquisa, a maioria deles, cerca de 72 pesquisas, ou seja, 77,41% são pesquisas a partir de 2017 ou seja, muito recentes. Os meios de comunicação apresentados no aspecto do feminismo compareceram as redes sociais, sendo em maioria o facebook e blogs, porém também compareceram o twitter, youtube e instagram, mas também os meios de comunicação tradicionais como revistas e outros. As metodologias de pesquisas foram diversas desde análises dos próprios meios de comunicação, como análise de Bardin, etnografia, netnografia, etc.

Em relação ao tema de internet e redes sociais, compareceram autores como Manuel Castells em primeiro lugar com apresentação de 55 pesquisas do total representando 59,13%, na sequência, Pierry Lévy em 34 resultados representando 36,52%, Raquel Recuero em 29 resultados representando 31,17%, André Lemos em 28 resultados representando 30,10%, Zigmunt Bauman em 16 resultados representando 17,19%, Lúcia Santaella com 12 resultados representando 12,09% e Paula Sibilía com 11 resultados que representa 11,82%.

Houveram outros autores mencionados em até 06 resultados que não foram contabilizados para esta revisão de literatura. É importante dizer que diversos destes autores foram mencionados em conjunto em uma mesma pesquisa.

Nos resultados sobre sexualidade e gênero compareceu Michel Foucault em aproximadamente 61 resultados representando 65,59%, que citam diversas publicações como (1975), (1979), (1981), (1984), (1985), (1988), (1989), (1997), (1999), (1987), (1995), (2001), (2002), (2003), (2004), (2005), (2006), (2009), (2010), (2011), (2012), (2013), (2014), (2018), discutindo desde a genealogia do saber, as relações de poder, processos de subjetivação, biopolítica às políticas de gênero, entre outros.

A publicação de 1988 é que a que mais citações, com 09 resultados. Judith Butler compareceu em 36 pesquisas que representa 38,70%, Simone de Beauvoir com 26 resultados que representa 27,95%, Joan Scott em 25 resultados cerca de 26,88%, Pierre Bourdieu em 22 resultados que são 23,65%, Stuart Hall em 19 resultados igual 20,43%, Céli R. Pinto com 15 resultados que representa 16,12%, Nancy Fraser em 13 resultados sendo 13,97% e Guacira Lopes Louro em 08 resultados correspondendo 8,60%.

Em relação ao movimento feminista e ciberfeminismo foram citados diversos feminismos, como o negro, teoria queer, pós-feminismo, liberal, interseccional, marxista, queer ou LGBT e radical, cibernético, etc. Sobre os autores citados compareceram Dona Haraway com o manifesto ciborgue em 36 resultados, o que representa 38,70%, Heleieth Saffioti em 21 resultados que representa 22,58%, Margareth Rago em 15 resultados cerca de 16,12%, Sonia Alvarez em 13 resultados sendo 13,97%, Maria da Glória Gohn que discute movimentos sociais em 12 resultados cerca de 12,90%, Heloísa B. Hollanda, Ana de Miguel, Montserrat Boix e Bell Hooks em 11 resultados, sendo 11,82%, Anthony Giddens e Flávia Biroli em 10 resultados, ou seja 9,3%, Bianca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy em 08 resultados sendo 8,60%.

Sobre algumas descrições sobre os feminismos compareceram em diversas pesquisas a “Marcha das Vadias” em 20 resultados (21,50%), “ondas do feminismo” em 16 resultados (17,20%), “Histórico do feminismo no Brasil” em 14 resultados (15,50%),



“Primavera feminista” em 12 resultados (12,90%) e “Histórico do feminismo” em 08 resultados (8,60%).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa se reconhece anos, obras e autores pertinentes na área para o debate consolidado na área e espera-se que também colabore com pesquisadores que estudam o tema e queiram ter uma caminho metodológico tendo a revisão de literatura. Destacamos que a revisão esta em um momento inicial e uma análise qualitativa esta sendo desenvolvida, como caminho a fim de articular conceitos como feminismo, redes sociais e subjetividade.

É importante que haja maior estudos interdisciplinares que aloquem temas contemporâneos dos novos modos de subjetividades existentes, junto numa perspectiva de luta de perspectiva de gênero mais equalitária e justa.

## REFERÊNCIAS

BALESTRIN, P.; SOARES, R. **Etnografia da Tela: uma aposta metodológica**. In: MEYER, D.; PARAÍSO, M. Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação. Belo Horizonte: Mazza Edições. p. 87-109, 2012.

BUTLER, J. **Bodies that Matter: On the Discursive Limits of “Sex”**. New York: Routledge, 1993.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Ação Política**. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2006.

\_\_\_\_\_. **O poder da comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

\_\_\_\_\_. **Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.



FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. (24ª. Ed.) São Paulo: Edições Loyola. 2012.

FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 15-37.

HARAWAY, D. A Cyborg Manifesto. In: SPILLER, N. **Cyber reader**: critical writings for the digital era. London: Phaidon, 2002.

LEMOS, A. Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma “Cultura Copyleft?”. **Contemporânea**, v. 2, n. 2, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

SABAT, RUTH. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**. 2001, v. 9, n. 1 [Acessado 1 agosto 2022] , p. 04-21. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000100002>>. Epub 16 Maio 2002.

SANTAELLA, L. Sujeito, subjetividade e identidade no ciberespaço. In: LEÃO, L. **Dervias**: cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume, 2004. p. 45-54.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, Jul./dez. 1995. 71-99.

SOUZA, A.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. **A pesquisa bibliográfica**: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**. v.20, n.43, p.64-83/2021.